

**Portuguese B – Standard level – Paper 1**  
**Portugais B – Niveau moyen – Épreuve 1**  
**Portugués B – Nivel medio – Prueba 1**

Monday 9 November 2015 (afternoon)  
Lundi 9 novembre 2015 (après-midi)  
Lunes 9 de noviembre de 2015 (tarde)

1 h 30 m

---

**Text booklet – Instructions to candidates**

- Do not open this booklet until instructed to do so.
- This booklet contains all of the texts required for paper 1.
- Answer the questions in the question and answer booklet provided.

**Livret de textes – Instructions destinées aux candidats**

- N'ouvrez pas ce livret avant d'y être autorisé(e).
- Ce livret contient tous les textes nécessaires à l'épreuve 1.
- Répondez à toutes les questions dans le livret de questions et réponses fourni.

**Cuaderno de textos – Instrucciones para los alumnos**

- No abra este cuaderno hasta que se lo autoricen.
- Este cuaderno contiene todos los textos para la prueba 1.
- Conteste todas las preguntas en el cuaderno de preguntas y respuestas.

## Texto A



Foto: Raquel Cunha/Folhapress

## Cantinho da leitura

**André Barcinski**Especial para a *Folha*

- 5 ❶ A Flipinha é a parte da Flip –a Festa Literária Internacional de Paraty, cidade do litoral do Rio de Janeiro– dedicada às crianças. Por causa disso, neste ano, o evento surpreendeu pela quantidade de pessoas que atraiu: além dos costumeiros adultos envolvidos nos eventos da Festa, toda a área central da cidade parecia um mar, tomada por crianças lendo, brincando e navegando pela literatura, no cantinho da leitura. Leia o depoimento da colunista do jornal *Folha de S. Paulo*:

## Árvore de livros

**Clarice Reichstul**Colunista da *Folha*

- 10 ❷ Fim de férias em Paraty. Viemos com a família inteira para a Flip. A avó estava interessada nas conversas com os renomados autores, o pai, na arquitetura da cidade, mas nós, meu filho e eu, viajamos ansiosos para aproveitar as árvores de livros da Flipinha. Sempre leio com meu filho, quero que ele entenda os benefícios da leitura desde pequeno, pois a literatura serve para nos tornar pessoas mais bem preparadas, mais tolerantes e sensíveis às emoções humanas. Por isso, quando existem diferentes oportunidades de leitura, levo meu filho.
- 15 ❸ Na Flipinha, na ampla praça central da cidade, existe uma porção de árvores de sombra aprazível e farta, onde o pessoal da Flipinha resolveu pendurar nos maciços galhos vários livros para quem quisesse ler. Em baixo de cada uma das árvores, tinha um tapete para deitar, ler ou ouvir histórias.

20

- 4 [- X -] existe uma situação ideal nessa vida para a leitura, é essa aí que eu descrevi acima. Escolhemos uma árvore de acordo com a melhor proporção de sol e sombra [- 9 -] nossas leituras. Confesso que o sol e a leitura tranquila davam bastante preguiça. [- 10 -] aquele lugar fosse perfeito para dormir, os funcionários do evento não deixavam [- 11 -] a leitura em lugares públicos deve despertar curiosidades e iniciar conversas, não fazer dormir. Essa foi a nossa melhor Flipinha!

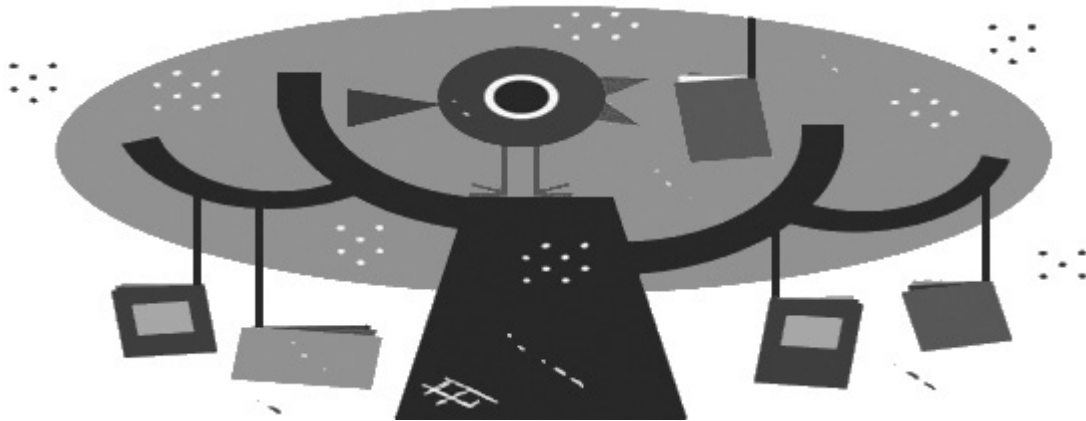


Ilustração: Daniel Bueno

---

Texto adaptado: Clarice Reichstul, *Folha de S. Paulo* (2014)

## Texto B



## MOÇAMBIQUE



Global Media Forum 2014 arrancou esta segunda-feira (30/06/14) em Bona

## “Cidadão repórter”: o jornalismo e as tecnologias da informação

- 1 A *DW África* entrevistou o jornalista Adérito Caldeira, diretor executivo do jornal *@Verdade* de Moçambique e participante do *Global Media Forum*. Instigada pelo pioneirismo da publicação, pois estabelece diálogos com os jovens por meio das novas tecnologias, conversaram sobre a relação entre os meios de comunicação social e o jornalismo da atualidade.



Adérito Caldeira veio até à Alemanha para participar no evento internacional organizado pela *Deutsche Welle*

- 2 ***DW África*: Sua participação no Fórum pode ajudar a pensar as novas tecnologias e o jornalismo?**

**Adérito Caldeira (AC):** O mote do Fórum deste ano é o percurso do jornalismo, para onde ele vai, como será o jornalismo do futuro, principalmente com o advento da internet. Nós, como jovens inovadores jornalistas em Moçambique, e apesar de não termos descoberto a pólvora, também estamos a adaptar-nos em função dos novos meios que existem, das novas formas de comunicação. Nosso principal foco é como chegar a mais leitores. Apesar de nós, em Moçambique, continuarmos a reconhecer a importância dos jornais impressos para os moçambicanos, a internet tem-nos possibilitado chegar a mais leitores a que nós, a curto prazo, não conseguiríamos de forma nenhuma chegar.

- 3 ***DW África*: O jornal *@Verdade* é pioneiro na comunicação social em Moçambique. Como é o diálogo entre leitores e jornalistas?**

**AC:** Nós somos desta atual era em que damos importância aos leitores. Nas nossas edições diárias há pelo menos duas notícias que começaram através da sessão a que nós chamamos “cidadão repórter”. Com isso, chegamos a mais leitores, pois eles também participam na produção de conteúdos jornalísticos. Buscamos respeitar a opinião e o modo de se comunicar dos jovens apesar de reconhecer que eles escrevem e falam cada vez pior o português. Não editamos os comentários porque os jovens se comunicam neste “internetês”, e eles entendem-se. Se nós estivermos a editar, não digo que eles deixam de nos entender, porque eles leem as notícias bem escritas em português, mas estaríamos, de certa forma a entrar no direito, na liberdade que eles têm de se expressarem, apesar de não estar naquele português correto que todos aprendemos na escola.

Texto C

**VISÃO**  **Solidária**



## Crónica: as crianças e o futuro

- ❶ Temos vindo a ser alertados para o drama inquietante sobre o futuro dos jovens há vários anos e nenhuma medida se revelou eficaz para a combater. Nos últimos anos, com a elevada taxa de desemprego, sobretudo entre os mais jovens, era muito previsível que a situação se agravasse. As licenciaturas e os mestrados deixaram de ser garantia de emprego. Foram muitos os que tiveram de deixar o país, depois de verem destruídos os sonhos. Os jovens que conseguem emprego trabalham horas sem fim, sem horário de trabalho e sentem que a insegurança lhes rouba o sonho da liberdade.
- ❷ Mas não podemos pensar no futuro dos jovens que ingressam no mercado de trabalho sem refletir sobre o mundo que estamos a oferecer às crianças porque sabemos que milhares de crianças desacompanhadas chegam à Europa, vindas de países pobres, em busca de melhores condições de vida. Fogem da fome, dos conflitos armados, do trabalho escravo. A nossa imaginação não consegue antecipar os horrores por que passam algumas crianças, mas devemos fazer um compromisso com a defesa dos direitos humanos para salvá-las.
- ❸ É [ – X – ] que as comemorações de Junho, que queremos seja o Mês da Criança, no nosso país, não podem ignorar os perigos a que estão sujeitas as crianças. [ – 28 – ], creio que a Recomendação da União Europeia de Fevereiro de 2013 sobre a necessidade de “investir nas crianças para quebrar o ciclo da desigualdade” tem encontrado muitas dificuldades de concretização. [ – 29 – ] se reconheça a importância de garantir bem-estar às crianças, elas continuam a não representar prioridade nas políticas. [ – 30 – ] essa atitude não mudar, será o próprio futuro de toda a sociedade que ficará em risco, ou seja, não serão apenas prejudicadas as crianças, mas toda a nação será incapaz de projetar-se no porvir.

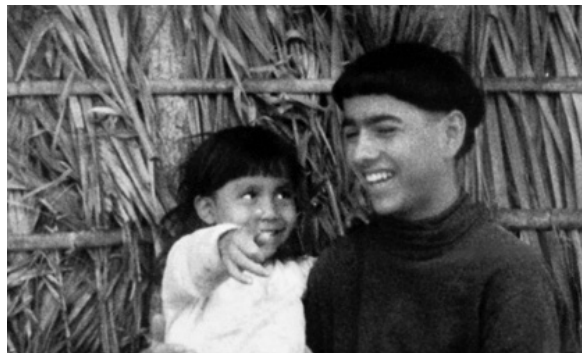
Texto adaptado: Dulce Rocha, <http://visao.sapo.pt> (2014)

## Texto D

## Os outros papéis de Marcos Palmeira

Conhecido ator de telenovelas e cinema  
conta sua ligação com os índios

- 5
- ❶ Foi uma visita-surpresa. Os índios chegaram inesperadamente e acabaram ficando três meses na casa da família do ator Marcos Palmeira, na época, com 15 anos. Hoje, o ator descreve os sentimentos que teve de deslumbramento no seu primeiro encontro com os índios Xavantes. Alguns dos índios não falavam sequer uma palavra em português, e Marcos teve de encontrar um jeito de se comunicar com eles. Acabou aprendendo um idioma universal: o do afeto.



Marcos morou com os índios em 1980 e nunca mais perdeu a ligação com os Xavantes

- 10
- 15
- ❷ Enquanto a maioria dos adolescentes sonhava em passar uma temporada fora do país, essa experiência abriu os olhos do garoto para um universo novo e enriquecedor. “Eu cortei o cabelo como eles e fiquei completamente envolvido com sua cultura”, relembra Marcos. Ele e um amigo, seis meses depois dessas férias inesperadas, a qual eles nunca esqueceram, resolveram inverter a experiência e embarcaram em uma viagem que transformaria para sempre a vida deles: foram morar dois meses entre os índios da Aldeia Xavante, em pleno Mato Grosso<sup>1</sup>. “Era época das festas e a gente participou de todas elas. Houve a festa tradicional que celebra a passagem dos meninos adolescentes para a juventude, e eu participei dos rituais como se fosse um deles. Depois fui batizado com um nome xavante que levo até hoje: Tsiwari, que significa ‘sem medo’.”





Marcos Palmeira durante as filmagens do documentário *Expedição A'Uwe – a Volta de Tsiwari*, em aldeia dos índios Xavantes. Marcos morou com os índios em 1980 e nunca mais perdeu a ligação com os Xavantes.

- 20 3 A vivência entre os índios foi transformadora, pois acabou influenciando até o seu temperamento. Marcos é uma pessoa calma no jeito de falar, conversa olhando nos olhos e parece nunca ter pressa, apesar da agenda sempre atribulada. “Além disso, o contato íntimo com os índios resultou em maior consciência sobre o meio ambiente e maior sensibilidade para o descaso com a causa indígena. Marcos voltou à aldeia 25 anos depois, para um projeto grande: um documentário chamado *Expedição A'Uwe – a Volta de Tsiwari*. Uma das cenas mais tocantes do filme é o momento em que o grupo chega à aldeia, Marcos desce do jipe e dá um abraço apertado no cacique<sup>2</sup> Germano Tsremiwadze, seu pai índio. Sereno, Germano não fala uma palavra, pega Marcos pela mão e o leva para dentro da cabana para chorarem juntos o chamado choro da saudade.
- 25

Texto adaptado: Mariana Del Grande, <http://planetasustentavel.abril.com.br> (2009)

<sup>1</sup> Mato Grosso: estado na região central do Brasil

<sup>2</sup> cacique: nome dado ao líder da tribo indígena